

*Criação da Faculdade
de Biblioteconomia da UnB
1962-1967*



Fundação Universidade de Brasília

Reitor : Ivan Marques de Toledo Camargo
Vice-Reitora : Sônia Nair Bão

EDITORA



UnB

Diretora : Ana Maria Fernandes

Conselho Editorial : Ana Maria Fernandes – *Pres.*
: Ana Valéria Machado Mendonça
: Eduardo Tadeu Vieira
: Emir José Suaiden
: Fernando Jorge Rodrigues Neves
: Francisco Claudio Sampaio de Menezes
: Marcus Mota
: Peter Bakuzis
: Sylvia Ficher
: Wilson Trajano Filho
: Wivian Weller

Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Biblioteconomia

*Criação da Faculdade
de Biblioteconomia da UnB
1962-1967*

Organizadores:
Maria Alice Guimarães Borges
Marcilio de Brito



Projeto “Memória dos 50 anos da Biblioteconomia na UnB”
Livro: Criação da Faculdade de Biblioteconomia da UnB – 1962-1967

Equipe editorial

Gerente de produção editorial	Marcus Polo Rocha Duarte
Coordenação	Profa. Dra. Maria Alice Guimarães Borges
Membro	Prof. Dr. Marcilio de Brito
Revisão	Rosa dos Anjos Oliveira
	Virginia Astrid de Albuquerque Sá e Santos
Degração	Vera Lúcia Campes da Silva
Produção gráfica	Andherson Reis
Colaboradores	A. C. Moraes de Castro
	Maurício Rondelli
	Cristina Guimarães
	Andhrea Tavares
	Alexandre de Lima Oliveira
	Miguel Ângelo Bueno Portela
Projeto Gráfico	Marcos Hartwich
Diagramação e Arte-final	José Miguel dos Santos

Copyright © 2015 by
Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF
Telefone: (61) 3035-4200
Fax (61) 3035-4230
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta
publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por
qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Criação da Faculdade de Biblioteconomia da UnB : 1962-1967 / organizadores:
Maria Alice Guimarães Borges, Marcilio de Brito. – Brasília : UnB/FCI, 2013.

406 p. : il.

ISBN: 978-85-230-1154-3

1. Biblioteconomia. 2. Universidade de Brasília. I. Borges, Maria Alice
Guimarães. II. Brito, Marcilio de.

CDU 02(817.4)

“Não vivemos num mundo irracional ou destituído de significado. Ao contrário, existe uma lógica moral inerente à vida humana. Devemos encontrar uma forma de discutir o futuro da humanidade de maneira inteligível. A lei moral universal inscrita no coração de homens e mulheres é precisamente a ‘gramática’ necessária para que o mundo possa se engajar na discussão do seu futuro. A política dos países não pode ignorar a dimensão transcendental, espiritual da experiência humana”.

* JOÃO PAULO II, Papa.
Mensagem de sabedoria e paz. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

(JOÃO PAULO II, 2005, p. 54)*

*Participantes da disciplina Seminário em
Biblioteconomia: Encontro de Saberes
2011/2 – 2012/1*

Professores

Prof. Dra. Maria Alice Guimarães Borges (2011/2012)
Prof. Dr. Marcilio de Brito (2012/1)
Prof. Dra. Sofia Galvão Baptista (2011/2)

Monitores

Déborah Lins e Nóbrega
Luiz Henrique Ferreira

Alunos

Allan Wanick Motta
Amanda Salomão Werneck
Bruna Guedes Martins da Silva
Claúdio César de Oliveira Campos
Érika Rayanne Silva de Carvalho
Felipe Pessoa Santos
Fernanda Miranda de Souza
Fernanda Weschenfelder
Flávia Nunes Sarmanho
Janaina Soares Lopes Barbosa
Jaqueline Taketsugu Alves da Silva
Larissa Ferreira dos Angelos
Larissa Herculano
Luana Gomes Dias
Luana Patrícia de Oliveira Porto
Luiza Martins de Santana
Luiza Moreira Camargo
Mariana Bessa Mcdonnell
Mariana Vasconcelos de Castro
Mariana Brandão da Silva
Nádia Galdino Freitas dos Santos
Rebeca Araujo Mendes
Thais da Silva Rodrigues
Thiago Willian Barbosa de Oliveira
Vivianne da Rocha Rodrigues

Secretários

Jaqueline Couto
Reginaldo Olegario das Neves Alves

Sumário

<i>Apresentação</i>	11
<i>Prefácio</i>	15
<i>Introdução</i>	19
Criação da UnB e do Curso de Biblioteconomia	19
por Maria Alice Guimarães Borges	
<i>Parte I – Primeiros Professores</i>	
1 – Abner Lellis Corrêa Vicentini	53
por Murilo Bastos da Cunha	
2 – Antônio Agenor Briquet de Lemos	79
Depoimento	
3 – Astério Tavares Campos	105
por Tarcisio Zandonade	
4 – Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti	125
por Adelaide Ramos e Côrte	
5 – Edson Nery da Fonseca	145
por Luiz Antônio Gonçalves da Silva	
6 – Etelvina Lima	179
por Virginia Astrid Albuquerque de Sá e Santos	
7 – Myriam Mello Dulac	193
Depoimento	
8 – Nice Menezes de Figueiredo	197
por Sueli Angelica do Amaral	
9 – Rubens Borba de Moraes	229
por Suelena Pinto Bandeira	
10 – Washington José de Almeida Moura	251
por Rosa dos Anjos Oliveira	

Parte II – Depoimentos Dos Primeiros Alunos

1	– Gilda Maria Whitaker Verri	261
2	– Maria Lúcia Dália da Costa Lima	269
3	– Angela Maria Cavalcanti Mourão Crespo	273
4	– Anibal Rodrigues Coelho	279
5	– Edna Gondim de Freitas	287
6	– Hérís Medeiros Joffily	291
7	– Lindáurea Daud	295
8	– Maria Alice Guimarães Borges	299
9	– Maria Stella de Andrade Mackay Dubugras	307
10	– Nelma Cavalcanti Bonifácio	311
11	– Neusa Dourado Freire	315
12	– Suelena Costa Braga Coelho	323
13	– Virginia Astrid Albuquerque de Sá e Santos	327

Primeiros Funcionários

1	– Rosa Maria Monteiro Pessina	335
	Depoimento	

Anexo

A	– Ex-alunos formados em Biblioteconomia	343
----------	---	-----



Darcy Ribeiro na cerimônia de inauguração da
Universidade de Brasília (UnB) (21/04/1962).
A partir da esquerda: 2º Hermes Lima (sentado)
3º Darcy Ribeiro (em pé, discursando).



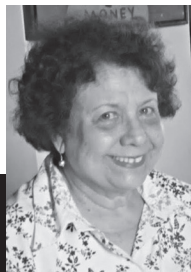
Formatura da 1ª Turma de Biblioteconomia na Câmara dos Deputados (1967). A partir da esquerda: Nelma, Maria Alice, Virginia, Suelena Coelho (de óculos), Aníbal, Edna, Neusa. Ao fundo: Lindaurea, Maria Stella, Angela.



Parte II
Depoimentos dos Primeiros Alunos



Gilda Maria Whitaker Verri (ao centro) e Geraldo Santana, esposo e ex-professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB, com Maria Alice (Recife, 2012).



1 *Gilda Maria Whitaker Verri* *pós-graduação, 1964*

Brasília ao alvorecer

Nos jornais, as manchetes. Nos grupos, as conversas. Nas escolas e universidades, as arquiteturas e as perspectivas socioeconômicas. Da nova capital, surgida no centro do País, as novidades eram apresentadas e discutidas, formando um tecido de opiniões. As notícias corriam. Eram os custos da construção de uma cidade em local ainda pouco divulgado por companhias de aviação ou de turismo. Eram as largas avenidas ao lado de edifícios de linhas curvas onde o vento forte levantava nuvens de barro laranja escuro, tingindo a catedral, os veículos, os sapatos e as roupas. Era o polo político-administrativo, com três poderes definidos e visíveis, erguido e inaugurado com data e hora marcadas, reunindo convidados ilustres, habitantes de quadras e superquadras, ajuntando trabalhadores da construção civil e outros que viviam em cidades satélites. Lugar onde, ao lado das construções, a perder de vista, a terra avermelhada recoberta por esparsas plantas retorcidas e ressecadas recebia a luz do sol que incendiava ou obscurecia o horizonte com intensidade. Uma cidade celebrada no cerrado. Brasília era fonte de informação e de tendências políticas em processo.

Em meados do século XX, jovens que lá não trabalhavam ou sequer a visitavam, ficavam a grandes distâncias. O sonho próximo à realidade só poderia materializar-se em *souvenirs*, pequenas reproduções, objetos de recordação de um momento fugaz: fotografias fixadas em papel, buquês de flores do cerrado, pequenas reproduções em gesso do Palácio da Alvorada, da estrutura da Catedral, da Igrejinha, do plano da cidade em forma de planta baixa. No imaginário, o extenso traçado das vias e os volumes das formas arquitetônicas dos edifícios agigantavam-se, sem comparações com as antigas cidades coloniais construídas à beira dos rios ou do Atlântico.

Por contraste, no Nordeste do Brasil, a imensidão do mar nascia nas praias. Em uma pequena cidade à beira-mar, o centro conservava ares de vila de interior. As ruas estreitas, paralelas, cumpriam o traçado urbano de finais do século XIX. Calçadas de pouca largura beiravam as modestas edificações. Caminhos levavam a novos espaços, onde se destacava, entre outros, um edifício grande, moderno. Um hotel, cujas instalações se adequavam para reunião de grupos, intercâmbio de ideias, de planos e projetos em execução ou por vir. De várias partes do País e do exterior, profissionais, professores e estudantes vieram encontrar-se em Fortaleza, em julho de 1963, para o 4º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação.

Em sessão temática, uma paulista, residente no Recife, falava da aplicação de medidas para atender às necessidades de uma indústria têxtil: adotara princípios de organização e classificação de documentos técnicos com o auxílio operacional de um grande computador, produto de uma multinacional, como hoje se diz. A notícia despertara a atenção de interessados no uso do tratamento da informação tecnológica. No plenário, uma bibliotecária do Rio Grande do Norte, sem renegar os avanços científicos, reagia às disparidades econômico-financeiras das instituições, expondo com veemência as dificuldades concretas para adquirir e preparar livros destinados a ampliar as coleções especializadas de sua Universidade. Eram provas e resultados contrapostos. Demonstrações vincadas por ideais profissionais comuns: servir melhor ao usuário leitor, ampliando e aprofundando o acesso às fontes de informação. Cenários valiam como retratos. Marcavam e separavam o mundo da Biblioteconomia de uma mesma região geográfica.

Nesse momento, para aquelas duas jovens que não se conheciam, as práticas do ofício haviam definido um trajeto inédito. Elas ainda não sabiam que um professor de olhos azuis esverdeados, um metro e noventa, com participação destacada nesse Congresso, pensador da Biblioteconomia, defensor de altos padrões de bibliotecas para o País, coordenava o curso de formação em Brasília.

E recebera a autorização para estabelecer e aplicar normas institucionais, com o objetivo de dar início aos estudos avançados na área, na nova capital da República.

A Universidade de Brasília (UnB) começava a ser conhecida nacionalmente por suas propostas inovadoras. A Pós-Graduação em Biblioteconomia, defendida por Edson Nery da Fonseca perante Darcy Ribeiro, estava incluída nesse quadro, devendo programar o início de suas atividades com um reduzido número de alunas. Assim, de Natal, chegara a norte rio-grandense, diretora da biblioteca universitária, com estágio nos Estados Unidos, poeta Zila Mamede. Tive a chance de reconhecê-la quando pisei no salão de estar da “Oca”, residência em madeira, destinada aos alunos da Pós, em 24 de março de 1964.

As apresentações iniciais foram feitas pela pernambucana Cordélia Robalinho Cavalcanti, a quem devo o honroso convite para participar de uma inesquecível vivência acadêmica. Na ocasião, entretanto, ela mencionou o coordenador Edson Nery da Fonseca como o autor da indicação dos nomes que escolhera em um dado momento. Da diretoria do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), no Rio de Janeiro, para estudar no planalto central, chegaria dias depois Fernanda Leite Ribeiro: conhecedora do campo da Documentação em nível internacional, e dona da sempre lembrada “Paulina”, a Kombi que iria levar, nos fins de semana, os mestrados em Arquitetura e em Biblioteconomia a excursões por trajetos históricos de cidades próximas, remanescentes do século XVIII, em Goiás.

Os dias subsequentes foram marcados por três situações distintas, que se refletiriam em eventos ocorridos nos meses seguintes. A primeira: o impacto produzido pelos 120.000 volumes dispostos em livre acesso. Uma grandiosa biblioteca central planejada por Edson Nery da Fonseca e incentivada por Darcy Ribeiro que, ao referir-se à natureza enciclopédica e aos veios especializados do empreendimento, sempre dizia aí residir um dos grandes desafios para uma universidade que se almejasse notável. Portanto, sem limites financeiros para adquirir coleções, a composição inicial do núcleo bibliográfico foi formada por 40.000 volumes, incluindo obras raras que pertenceram ao jurista e letrado baiano devoto de Rui Barbosa, Homero Pires. Posteriormente, foi adquirido o conjunto que pertencera ao professor de línguas e literaturas alemã, grega e latina, Pedro de Almeida Moura. A essas, outras foram anexadas. Títulos destacados em todas as áreas. Preciosas fontes bibliográficas, que faziam parte da seção de referência, tinham sido recomendados por Edson Nery da Fonseca para compor a estrutura documental básica destinada aos cursos universitários recém instituídos.

A segunda situação inusitada firmou-se ainda na primeira semana: o *campus* foi tomado por soldados armados da Polícia Militar de Minas Gerais, enquanto, em sala de aula, a professora Etelvina Lima falava sobre administração em bibliotecas. A hora não deixava dúvidas quanto à necessidade de providência a tomar: optou-se pela saída imediata do recinto, andando com tranquilidade pelos corredores e ruas, em direção a “nossa Oca”. Soube-se depois, que a biblioteca havia sido vasculhada, alguns professores detidos. Do outro lado da cidade, alunos e professores escondiam, rasgavam ou queimavam muitos livros, papéis, documentos vários e filmes suspeitos de conteúdo ideológico. A mudança política no País e na direção da Universidade logo veio transformar nossos dias em sobressaltos contínuos. Naquelas circunstâncias, as tensões e movimentações nacionais atingiram o Curso, quando duas alunas de Estados do sul não vieram juntar-se às outras três.

O terceiro momento, de ordem pessoal, foi marcado por dois acidentes de trânsito: um, sem maiores gravidades para as passageiras da “Paulina”; outro fatal, em que perdeu a vida Maria Luísa Baptista Macieira de Sousa, bibliotecária, esposa do Professor Eudoro de Sousa, professora de Letras co-habitante da “Oca”.

Nessas circunstâncias, já estavam em andamento os mestrados em Artes, Arquitetura, Ciências Humanas e Letras, que se enquadravam no plano orientador da UnB, privilegiando o ensino, a pesquisa e extensão. Pensado e estruturado por Edson Nery da Fonseca, o curso de pós-graduação em Biblioteconomia abria essa larga via, integrando-se aos demais por contar com o apoio docente de mestres de grande porte, como: Cordélia Robalinho Cavalcanti, professora e ex-diretora do Serviço Central de Bibliotecas da Universidade do Recife; Etelvina Lima, com experiência em direção de biblioteca pública e professora da Universidade de Minas Gerais; Pérola Raulino, bibliotecária do Senado Federal, e Nilcéa Gonçalves, da Câmara dos Deputados. Tendo ainda como professores visitantes: o renomado bibliófilo, Rubens Borba de Moraes; o batalhador pela normalização em documentação, Zeferino Ferreira Paulo, da Associação Portuguesa de Normalização Técnica, que havia levado o coordenador do curso a fundar uma comissão de documentação na Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) no Rio de Janeiro; e o mentor da organização do trabalho intelectual, padre Astério Tavares Campos.

Os cursos da pós foram organizados nos moldes das universidades norte-americanas: programas e metas, visando à concepção de um trabalho final a ser apresentado pelas alunas. Neste, porém, repercutia o alcance da área de concentração: Bibliografia Brasileira. Os conhecimentos teóricos a serem

traduzidos em monografias foram ministrados por Zeferino Paulo, com a disciplina Normalização da Documentação Científica. A Abner Lellis Vicentini cabia dar orientações sobre Indexação em Cadeia. Rubens Borba de Moraes proporcionava magníficos conhecimentos sobre as obras raras da Bibliografia Brasileira. Edson Nery da Fonseca, que deixara a direção da Biblioteca Central, dedicando-se à coordenação dos dois cursos, dava brilho às aulas matutinas de Introdução à Bibliografia Brasileira, e aos Estudos de Fontes Bibliográficas e Institucionais para o Conhecimento do Brasil, fazendo-nos despertar para o futuro da documentação e esquecer as famigeradas normas catalográficas. À época não funcionavam as infovias ou as infografias, de amplo uso nos dias atuais.

A cada módulo do programa, pesquisar o material didático era uma agradável e surpreendente prática diária, desenvolvida em longas paradas durante os passeios pelas estantes, perscrutando os autores, os títulos, as imagens, as palavras: verdadeiras caixas de segredos, que se multiplicavam em doações, pela grandeza infinita dos livros. Para a obtenção do grau de Mestre, entretanto, far-se-ia necessário o cumprimento da grade curricular e a elaboração de um repertório temático que pudesse contribuir para nortear, identificar e organizar informações que viessem facilitar ou revelar o avanço nas Ciências Humanas.

A dedicação em tempo integral ao estudo e à pesquisa viabilizava-se fundamentalmente pela organização do Curso, que funcionava no primeiro andar do edifício conhecido como SG-12 – Serviços Gerais 12. Divisórias criavam e separavam os ambientes para salas individuais, onde era possível trabalhar no horário que se quisesse. Em nosso segundo ano de curso, Fernanda tinha ido estudar na Universidade de Pittsburg. Zila e eu começávamos as atividades às 8h30, indo até 23h. Isto porque, minutos após esse horário, passava o último ônibus destinado ao conjunto residencial no qual ocupávamos um apartamento muito bem dividido, para oito estudantes. A “Colina”, morada de professores e bolsistas, “ficava depois de uns matos”, como apontavam os “candangos”, operários das estradas em construção.

No térreo do mesmo prédio onde funcionava o curso, ficava a Biblioteca Central, dirigida por Abner Lellis Vicentini, vindo do Centro Técnico da Aeronáutica, por indicação de Edson Nery da Fonseca. Aberta ao público todos os dias, das 8h às 7h da manhã do dia seguinte, incluindo os fins de semana, oferecia e incentivava a consulta, a leitura de obras gerais e especializadas, além da troca de informações a todos os que desejassem participar do prazer de conhecer.

A interdisciplinaridade era comemorada em programas de extensão, em sessões semanais no auditório da Escola Parque, com o curso de Apreciação Cinematográfica, com Paulo Emílio Salles Gomes, ou o de História da Arte, sob a coordenação de Alcides da Rocha Miranda. Concertos sinfônicos regidos por Cláudio Santoro, ou de música antiga, congregavam, aos sábados pela manhã, professores e alunos, além dos limites diários do restaurante universitário.

No âmbito profissional, a cidade oferecia a oportunidade de conhecer e analisar os serviços bibliotecários do Senado Federal e da Câmara dos Deputados, sob a coordenação de Leda Labouriau; dos Tribunais Superiores e dos Ministérios, além do recém implantado Serviço Nacional de Bibliotecas, organizado por Lydia de Queiroz Sambaquy, que havia dirigido, com grande competência e repercussão nacional, o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, no Rio de Janeiro.

Nesse contexto, havia recursos materiais e peças documentais que justificavam a realização de trabalhos. A orientação competente do professor Edson alargava nossas potencialidades em áreas de informação científica. Pesquisas individuais foram desenvolvidas, como as bibliografias anotadas: *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual 1918/1968*, elaborada com desvelo e obstinação por Zila Mamede e publicada em 1970 pela Fundação José Augusto, em Natal (RN). *A Ruiana na Universidade de Brasília: catálogo da seção de Rui Barbosa da coleção Homero Pires*, coligida com esmero por Fernanda Leite Ribeiro e publicada, no Rio de Janeiro, pela Casa de Rui Barbosa, em 1967.

As aulas de iniciação às raridades bibliográficas, com Rubens Borba de Moraes, levaram-me a identificar e referenciar *Viajantes franceses no Brasil*, atualizado e editado no Recife, na Universidade Federal de Pernambuco, em 1994. Lembro ainda, com satisfação, o desempenho de uma tarefa solicitada pelo professor Edson, para organizar e acompanhar, em gráfica, o *Catálogo de obras francesas* doadas à Biblioteca Central por ocasião da visita do Presidente General Charles de Gaulle à UnB. Esses e outros trabalhos monográficos foram elaborados por causa das condições excepcionais oferecidas pela pluralidade dos repertórios, organizados para multiplicar o significado de uma universidade que se construía e se firmava no meio do cerrado. E pela dedicação, erudição e persistência de um intelectual como Edson Nery da Fonseca.

Mas, sinais frequentes indicavam a falta de condições para o melhor desempenho profissional das tarefas. O rumo dado à condução da Universidade, que garantia sustentação ao caráter experimental e orgânico dos cursos, foi

mudando ao longo do período dedicado ao desenvolvimento das pesquisas. E – por que ocultar? – professores e instrutores-alunos passaram por momentos de confrontos, com as mudanças decorrentes de uma nova ordem social. A proposta de antes deixara de ser inovadora: fracionara-se. O entusiasmo, a dedicação aos estudos, o clima de comprometimento e de alegria foram se esvaindo. A interrupção do programa tornara-se iminente. Um código que não lhes convinha estendia seu poder invisível. Arrefecia e aprisionava os ânimos. Levava ao impasse. Romperam-se os laços que uniam nossos trabalhos. Daí o pedido de demissão coletiva, em fins de 1965.

Foi assim, por contingência, decepcionadas, sob o peso das circunstâncias, juntamente com a maioria dos colegas de cursos diversos, tivemos que abandonar nossos sonhos e realizações. Mas juntamos o conhecimento adquirido às nossas bagagens materiais. Voltamos às nossas cidades de origem, para andar por outros caminhos. E envolvemos, com cuidado, nossas amizades à longa duração.